
Dividindo-se entre mãe e mulher:

questões a partir de uma leitura psicanalítica do filme “Um evento feliz”

Pérola Carina Torres Fonsêca*

Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, Recife, Pernambuco, Brasil

Débora Daniele da Rocha Albuquerque **

Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, Recife, Pernambuco, Brasil

Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros ***

Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, Recife, Pernambuco, Brasil

RESUMO

A gravidez é um acontecimento em que o casal passa por ajustes físicos e psíquicos, um momento de crise em que ambos passam por uma fase adaptativa, sobretudo a mulher. Esta tem seu corpo metamorfoseado pelos efeitos hormonais e metabólicos, transformações que geram implicações biológicas e subjetivas. Diante disso, propõe-se a análise do filme “Um evento feliz”. Esta película narra a história de um jovem casal que decide ter um filho, os impactos da chegada desse terceiro, bem como as dificuldades enfrentadas pela protagonista durante a gravidez, parto e puerpério. Apresenta-se como objetivo geral compreender a sexualidade feminina de mães recentes e suas repercussões psíquicas. Como objetivos específicos, visamos descrever aspectos da feminilidade surgidos na fala da mãe; analisar se o lugar em que o bebê é colocado permite espaço para a divisão entre mãe e mulher; analisar a relação entre a sexualidade e a amamentação nessa divisão entre mãe e mulher. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo. Com essa pesquisa, verificamos a importância dos estudos sobre a feminilidade no contexto da gravidez e maternidade.

Palavras-chave: gravidez; sexualidade; psicanálise; análise de conteúdo; amamentação; mãe e mulher.

ABSTRACT

Pregnancy is an event in which the couple goes through physical and psychological adjustments, a time of crisis in which both go through an adaptive phase, especially the woman. This body has been metamorphosed by hormonal and metabolic effects, transformations that generate biological and subjective implications. In view of this, it is proposed to analyze the film "Um feliz event". This film tells the story of a young couple who decides to have a child, the impacts of the arrival of that third party, as well as the difficulties faced by the protagonist during pregnancy, childbirth and the puerperium. The general objective is to understand the female sexuality of recent mothers and their psychic repercussions. As specific objectives, we aim to describe aspects of femininity that emerged in the mother's speech; analyze whether the place where the baby is placed allows space for the division between mother and woman; to analyze the relationship between sexuality and breastfeeding in this division between mother and woman. The methodology used was content analysis. With this research, we verified the importance of studies on femininity in the context of pregnancy and motherhood.

Keywords: pregnancy; sexuality; psychoanalysis; content analysis; breast-feeding; mother and wife.

RESUMEN

El embarazo es un evento en el que la pareja pasa por ajustes físicos y psicológicos, un momento de crisis en el que ambos pasan por una fase de adaptación, especialmente la mujer. Este cuerpo ha sido metamorfoseado por efectos hormonales y metabólicos, transformaciones que generan implicaciones biológicas y subjetivas. En vista de esto, se propone analizar la película "Um feliz event". Esta película cuenta la historia de una joven pareja que decide tener un hijo, los impactos de la llegada de ese tercero, así como las dificultades que enfrenta la protagonista durante el embarazo, el parto y el puerperio. El objetivo general es comprender la sexualidad femenina de las madres recientes y sus repercusiones psíquicas. Como objetivos específicos, nuestro objetivo es describir aspectos de la feminidad que surgieron en el discurso de la madre; analizar si el lugar donde se ubica al bebé deja espacio para la división entre madre y mujer; analizar la relación entre sexualidad y lactancia materna en esta división entre madre y mujer. La metodología utilizada fue el análisis de contenido. Con esta investigación, verificamos la importancia de los estudios sobre la feminidad en el contexto del embarazo y la maternidad.

Palabras llave: embarazo; sexualidad; psicoanálisis; análisis de contenido; amamantamiento; madre y esposa.

Introdução

A gravidez é considerada um fenômeno que envolve transformações nas dimensões físicas, psíquicas e biopsicossociais. No decorrer dos nove meses, o casal “grávido” sairá do papel de serem apenas filhos e ocuparão, também, o lugar de pais.

As modificações que surgem no decorrer da gravidez talvez sejam as mais significativas alterações que o indivíduo pode sofrer. A gravidez e o nascimento de um bebê são acontecimentos psicossociais que interferem intimamente na vida dos pais e das famílias. (Camacho & da Costa Vargens & O. M. & Spíndola, 2010).

Nesse sentido, Maldonado (1988) ressalta que a gravidez é uma transição que faz parte do processo de desenvolvimento e envolve a necessidade de reestruturação em várias dimensões. Uma delas é uma nova definição de papéis, sobretudo para a mulher, que passa a se olhar e a ser olhada de uma forma diferente, assumindo também um novo papel: o de ser mãe.

Há mudanças tanto na constituição corpórea da mulher, assim como no campo emocional, o que repercute no seu psiquismo e, também, na dinâmica sociofamiliar – é um período que abarca a mulher, mas também todos os outros participantes que estão envolvidos no processo.

Além disso, ocorrem alterações hormonais muito relevantes, entendendo-se a gravidez como um período que afeta consideravelmente o organismo materno como um todo, interferindo na rotina diária da mulher, na sexualidade, na relação a dois. (Camacho & da Costa Vargens & O. M. & Spíndola, 2010).

Frente a isso, pretende-se trabalhar na perspectiva da análise de conteúdo do filme “Um evento feliz”, contemplando questões referentes à gestação e à maternidade. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição

do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Sendo assim, a escolha do método se deu porque consideramos que era um método interessante para articular teoria e prática.

Nesse sentido, a análise de conteúdo proposta pela autora Bardin funciona através de seguintes critérios de organização: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. (Bardin, 2011)

A primeira fase, a pré-análise, pode ser entendida como uma fase de organização. Primeiro foi assistida a película, depois estabeleceu-se impressões gerais a respeito do filme e através de uma leitura “flutuante”, ou seja, fase em que são elaboradas as hipóteses e os objetivos da pesquisa, adentrou-se na segunda fase ou fase de exploração do material, onde foram escolhidas as categorias, que segundo Bardin (2011) permitem agregar o maior número de informações à custa de uma esquematização e assim classificar acontecimentos para ordená-los.

A terceira e última fase foi o tratamento dos resultados – a inferência e interpretação. A inferência como técnica de tratamento de resultados é orientada por diversos pólos de pólos de comunicação (emissor receptor, mensagem e canal); na fase de interpretação dos dados, o pesquisador precisa voltar ao referencial teórico, buscando embasar as análises dando sentido à interpretação. A relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica, é que dará sentido à interpretação. (Bardin, 2011)

Assim, podemos concluir que a análise deste filme aconteceu a partir da categorização temática, seguida de análise dos temas a partir de uma leitura psicanalítica, objetivando-se assim, descrever aspectos da feminilidade surgidos na fala da mãe; analisar se o lugar em que o bebê é colocado permite espaço para a divisão entre mãe e

mulher; analisar a relação entre a sexualidade e a amamentação nessa divisão entre mãe e mulher.

“Um evento feliz”: aspectos da feminilidade e o desejo da mulher na maternidade.

O filme em questão retrata a história de um jovem casal apaixonado, Nicholas e Barbara, que, ao decidir ter um filho, têm toda a sua rotina transformada. Apesar de ser uma gravidez desejada, não é planejada financeiramente, visto que Nicholas trabalha em uma locadora e Barbara se dedica apenas aos estudos de conclusão de sua tese de Doutorado, fato que traz repercussões para o casal. Barbara passa pelas transformações “normais” da gravidez - enjoos, alterações de humor, ambivalência, medo, ansiedade, conflitos. Esta personagem chega a esconder a gravidez de sua mãe, a não querer saber o sexo do bebê, passa por um momento de negação da gravidez e pela falta de apoio do seu marido, Nicholas.

Certa noite, a bolsa estoura. Lea, sua filha, nasce de parto normal, com saúde. Devido à exaustão do parto e às demandas iniciais com a maternidade, Bárbara fica visivelmente cansada. Chega a dizer à enfermeira que ela e o bebê ainda não estão prontos para partir, se emociona. Após a volta da maternidade, Barbara apresenta dificuldades para conciliar as demandas iniciais do bebê, a elaboração de sua tese de doutorado e o trabalho doméstico. Os conflitos na relação do casal diante das demandas com os cuidados e necessidades básicas do bebê começam a surgir... se antes Barbara era uma mulher atraente, segura e bem cuidada, com a maternidade e sem rede de apoio, ela se via completamente desgastada física e emocionalmente. A seguir, evidenciamos algumas categorias temáticas que nos auxiliam a ler melhor o filme nas possíveis articulações clínicas e teóricas que ele proporciona.

Categoria 1: Sexualidade e Desejo

Frente a essas considerações, é possível fazer referência ao texto de Freud sobre a teoria da feminilidade e a questão do desejo feminino. Segundo ele, em o Mal Estar na Cultura (Freud, 1929), a respeito das origens da família, o macho - termo utilizado no texto - tinha uma razão para estar junto de uma mulher por esta ser o seu objeto sexual; já as fêmeas permaneceriam ao lado do macho não por desejo sexual, mas por amparo e proteção as suas crias. Ainda segundo ele, a mulher se comportaria "desde sempre", como uma mãe, uma mãe à mercê de uma entidade/organização familiar, indo de encontro até com a cultura e com qualquer outra organização social que obrigue que os homens saiam de seus lares.

"As mulheres representariam os interesses da família e da vida sexual; o trabalho cultural é sempre mais transformado em dever dos homens, eles lhes atribui tarefas sempre mais difíceis, obrigando-os a efetuar sublimações pulsionais, às quais as mulheres são menos aptas". (Freud, 1929)

Para Freud (1929), em textos iniciais que eram também fruto de seu tempo histórico, chegou a postular que uma das diferenças entre os homens e as mulheres é que estas últimas seriam menos aptas à sublimação. Este referido destino da pulsão consiste em um processo no qual excitações excessivamente fortes, que surgem de determinadas fontes sexuais, encontram uma saída em outros campos não sexuais como, por exemplo, fontes de criações artísticas da cultura em geral. (Garcia-Roza, 1984).

Nesse contexto, ainda de acordo com Freud, o motivo para as mulheres serem menos aptas do que os homens em relação à sublimação estaria no fato de um desacordo

edípico. Sendo assim, para tal entendimento, é imprescindível distinguir a maneira como se dá o Complexo de Édipo em ambos os sexos.

No caso do menino, a fase fálica se caracteriza por um interesse narcísico que ele tem pelo próprio pênis em contraposição à descoberta da ausência de pênis na menina. Frente à ameaça de castração pelo pai, o menino abdica do amor da mãe para identificar-se ao pai, internalizando sua lei simbólica: não matarás teu pai, não desposarás tua mãe. Na menina, ocorre o surgimento da “inveja do pênis” e o conseqüente ressentimento para com a mãe “porque esta não lhe deu um pênis”, o que poderá ser compensado ao ter um filho. (Garcia-Roza, 1984).

Em sua teoria da feminilidade, Freud (1929), não deixa claro quais seriam os mecanismos que levariam a menina a sair do Édipo, visto que aquilo que ele entende como moralmente fraco na espécie humana é o feminino:

“Freud aqui não compreende muito bem e, no entanto, disso que não compreende, ele deduz o caráter eterno da mulher: falha em seu superego, falha em sua moralidade e falha na capacidade de sublimar.”
(Zafiroopoulos & dos Mares Guia & E. R. & Ceccarelli, 2009).

Para Freud (1929), em “A Teoria da Feminilidade”, a mulher se sentiria completa na maternidade e, especialmente, se tivesse um filho do sexo masculino. Outros autores, como Jacques Lacan, avançam na teoria freudiana ao afirmar que um filho não é capaz de “tapar” o que falta a uma mulher, dividida entre mulher e mãe. (Zafiroopoulos & dos Mares Guia & E.R. & Ceccarelli, 2009). Tal fato é possível evidenciar na seguinte fala de Barbara em resposta a seu marido , Nicholas:

“E eu que ralo que nem uma condenada. Eu não faço mais nada desde que a Lea nasceu, eu não tenho tempo para mim é sempre a mesma rotina, como no filme do “Bil Marrey”, que não sabe se organizar. Pois é, eu também estou sem saco, eu também tenho direito a ficar cansada, ta? Eu tô ficando louca, eu cuido de tudo, da casa, não tem ninguém para me ajudar, eu gosto de ser tratada com carinho, paparicada, eu gosto de fazer sexo, caramba! Não dá mais Nicho, eu não aguento, eu me sinto sufocada.”

Ainda nessa perspectiva, a partir dessa fala do filme, é mostrado como Lacan modifica o registro freudiano no que diz respeito ao gozo da mãe e o coloca no registro da falta em uma mulher; não do lado da satisfação, mas do lado do desejo. Isto não quer dizer que uma mulher não queira ser mãe, mas que, quando uma mulher se torna mãe, isto não resolve a questão de seu desejo de mulher enquanto mulher. Sobre essa problemática, diz o autor:

“Onde Freud em 1932 indicava que deveríamos "reconhecer este desejo do pênis como um desejo feminino por excelência", para fazer assim da mãe o excelente da mulher, Lacan separa a mãe da mulher e indica que aquilo que é o "mais ligado à feminilidade" é "a identificação profunda ao significante fálico", ou seja, in fine, ao objeto de desejo do Outro.” (Zafiroopoulos & dos Mares Guia & E. R. & Ceccarelli, 2009).

Nesse contexto, é possível correlacionar a uma cena do filme em que Barbara vai a uma consulta com um fisioterapeuta para examiná-la. Ao constrangê-la, falando sobre a atual situação do seu períneo, após um parto vaginal, o profissional dialoga:

- Fisioterapeuta: “As suas relações são doloridas?”
- Barbara: “Que relações”? É... porque depois do parto, eu não tive mais...”

O Fisioterapeuta transparece um ar de surpreso com a afirmação e anota no prontuário da paciente e fala em voz alta - mais uma vez constringendo-lhe: “Não teve mais relações...”.

Tal situação faz com que Barbara reflita e volte o seu olhar novamente para o feminino. Numa outra cena, Barbara se revela nua diante do espelho, olhando-se e permitindo ser olhada por Nicholas, fazendo com que ela relance novamente o seu desejo sobre seu companheiro enquanto homem. A partir dessa troca de olhares, enfim, consumam um ato sexual.

Diante dessa cena, ao pensar na relação da mulher com a sexualidade na maternidade, discorrem-se sobre as transformações que ocorrem no corpo e, por consequência, no cotidiano e na relação da mulher com seu meio. Ainda segundo autores, “a experiência é uma mescla orgânica e psicossocial intensa que implica em mudanças na imagem corporal, hormônios, identidade e no vínculo com o parceiro, ou mesmo com seu ambiente familiar”. (Camacho & da Costa Vargens & O. M. & Spíndola, 2010). Acrescentando que essas transformações fisiológicas e psicológicas, também podem afetar a vida sexual do casal, pois as mudanças físicas e emocionais interferem na condução da sexualidade. (Camacho & da Costa Vargens & O. M. & Spíndola, 2010).

Retoma-se aqui a cena em que Nicholas e Barbara estão fazendo sexo, mas o bebê chora e esse choro é suficiente para que Barbara interrompa e imediatamente se levante para atendê-lo. No entanto, Barbara volta com a criança em seus braços, pedindo um “espaço” na cama do casal. Apesar de Nicholas não concordar com a ideia, Barbara implora: “só essa vez”. Só que a exceção acaba virando a regra; o que é percebido neste trecho:

Nicholas: “Assim não dá mais, essa cama é para dois e não para três. Era pra ser provisório, mas já está fazendo duas semanas e eu tô cansado, tô exausto, entendeu? Eu preciso dormir.”

Nesse caso, o bebê acaba se transformando em uma espécie de barreira física entre o casal, situação ao mesmo tempo concreta e simbólica do transtorno que a chegada de um bebê pode representar na vida conjugal. Em verdade, segundo a autora Gilza Sandre-Pereira, não são raros os homens que, incomodados com essa situação, "desertam do leito conjugal" e vão dormir no sofá da sala ou em outro quarto, enquanto a mãe dorme com o bebê (Sandre-Pereira, 2003). Este trecho exemplifica bem o quanto o pai, enquanto homem, é importante para convocar a mãe enquanto mulher e possibilitar, assim, um gozo além filho.

Categoria 2: Divisão entre Mulher e Mãe

Retomando a cena descrita no parágrafo anterior, é também nesse sentido que Miller (2014) indaga se o lugar que o bebê é colocado permite espaço para a divisão entre mãe e mulher:

“(…) o fato de a mãe não ser “suficientemente boa” - retomando a expressão de Winnicott - quando apenas veicula a autoridade do Nome-do-Pai. É preciso, ainda, que a criança não sature, para a mãe, a falta em que se apoia o seu desejo. O que isso quer dizer? Que a mãe só é suficientemente boa se não o é em demasia, se os cuidados que ela dispensa à criança não a desviam de desejar enquanto mulher. Quer dizer - empregando os termos utilizados por Lacan em seu escrito “A significação do falo” - que a função do pai não é suficiente; é preciso, ainda, que a mãe não esteja dissuadida de encontrar o significante de seu desejo no corpo de um homem.” (Miller, 2014)

A despeito desse trecho, podemos observar no seguinte diálogo do filme entre Barbara e o “Clube do Leite” - lugar em que Barbara começa a frequentar e que reúne mulheres puérperas como suporte e rede de apoio entre elas – a insatisfação de Barbara ao ser questionada sobre a cama compartilhada com sua filha Lea e seu desejo enquanto mulher:

Clube de Leite: “Dorme com Lea?”; “Se dorme com ela”; “Você dorme com ela, Barbara?”; “Nós do Clube do Leite somos a favor de porta bebês e de dormir junto”.

Barbara: “Tá bom, sim, ela dorme comigo muitas vezes. O problema é que eu quase não tenho vida sexual com meu companheiro.”

Ainda em articulação a esse trecho, Miller (2014) acrescenta que o objeto criança não somente preenche, como também divide. Para ele, é essencial que ele divida; em verdade, é fundamental que essa mãe deseje outras coisas para além da criança. Se esse objeto criança não divide, ou ele sucumbe como dejetos do par genitor, ou, então, entra com a mãe numa relação dual que o alicia com a fantasia paterna. Há, assim, uma divisão bastante simples para Jacques-Alain Miller: ou a criança preenche ou a criança divide – divisão esta que é importante, constitutiva do sujeito. (Miller, 2014).

Ainda de acordo com Miller (2014), quanto mais a criança preenche a mãe, mais ela a angústia, de acordo com a fórmula segundo a qual é a falta da falta que angustia. Trecho este que pode ser observado na fala de Barbara, carregada de angústia, ao discutir com seu marido Nicholas:

Barbara: “É que eu me sinto sempre tão sozinha, trancada aqui o dia todo, em prisão domiciliar, eu não saio mais faz quase um ano, eu vivo chorando, as vezes parece que eu tô cheia de água, eu não sei o que fazer, eu não tenho mais alegria de viver, eu não tenho mais nada pra dar, eu me sinto tão vazia.”

Para Miller (2014), a mãe angustiada é, inicialmente, aquela que não deseja, ou deseja pouco, ou mal, enquanto mulher. Ao retomar esse trecho da fala de Barbara, tal angústia pode ser evidenciada logo no início:

“Eu não faço mais nada desde que a Lea nasceu, eu não tenho tempo para mim é sempre a mesma rotina”.

Ao analisarmos a fala de Barbara, o conceito de angústia pode ser interpretado da seguinte maneira: se para Freud a metapsicologia sobre a angústia gira em torno de um objeto: o rochedo da castração, a angústia em Lacan é proposta diante de um não saber fazer diante da falta do Outro, ou seja, é da inexistência de um significante da falta do Outro que se trata. Em Lacan, não se pode saber sobre a falta do Outro, a angústia seria a falta da falta. Nesse sentido, podemos concluir que o desejo se move por sua relação com a falta. (Castilho, 2007). É preciso que algo falte à mãe, enquanto mulher. Parece que a falta dessa falta é uma questão dolorosa que muitas vezes Barbara traz em suas falas.

Categoria 3: Amamentação e Sexualidade

A amamentação caracteriza uma das ações basilares na diminuição da mortalidade infantil e é, também, essencial ao processo de subjetivação. Para a psicanálise,

“amamentar é uma das maneiras pelas quais o ser humano é convocado a ser sujeito”. (Sampaio *et al.*, 2010).

A maneira como se constitui o vínculo afetivo da mulher com o seu parceiro, pai do bebê, e também com o pai dela, acaba por influenciar o significado do filho para essa mãe, assim como a execução de funções maternas, como a amamentação. Ainda segundo esse/os autores, umas mulheres amamentam porque a relacionam à culpa que sentem decorrente do elo conflituoso com este bebê, ao mesmo tempo que outras o fazem por tempo demasiado porque não abrem mão do prazer sexual proporcionado pela sucção do bebê. (Sampaio *et al.*, 2010)

Segundo Freud (1920), “a amamentação proporciona ao bebê a ilusão da continuidade intrauterina, funcionando como para-excitação diante das angústias do neonato, pois o fluxo morno do leite e o contato da mucosa labial com o seio desperta na criança um prazer que excede à necessidade de aplacar sua fome”. (Sampaio *et al.*, 2010)

Além disso, a amamentação aponta uma série de benefícios fisiológicos tanto para a mulher quanto para a criança, além de características nutritivas a nível alimentar para o bebê, sendo assim fundamental para o crescimento e desenvolvimento deste. Ao analisar os comportamentos essenciais à sobrevivência humana como, por exemplo, comer, dormir, reproduzir, é possível observar o prazer associado a elas. Com a amamentação não é diferente.

Nesse sentido, quando uma mulher relata sentir algum tipo de prazer com a amamentação, geralmente existe todo um discurso em falar que o prazer sentido não é a nível sexual. Nesse entendimento, temos uma forte interferência da cultura, que associa a mãe a uma imagem santa/sagrada, bem dizer, como um ser assexuado, justapondo-se a algo que, se fosse simplesmente fisiológico, não representaria problema. Sendo assim, a

amamentação fundamental à sobrevivência humana também pode trazer sensações agradáveis à mulher, incluindo sensações de ordem sexual: (Aguiar, 2013)

“A ocitocina, o mesmo hormônio que está presente no orgasmo, mostra-se na amamentação, provocando nas mamas alguns dos mesmos efeitos que provoca durante o clímax do prazer sexual: ereção dos mamilos, tumescência das mamas, contrações uterinas. Em nossa sociedade, muitas vezes, a sexualidade é vista apenas como genitalidade, e este fato refreia a ideia de sensações prazerosas durante a amamentação levando a sentimentos de confusão e culpa ao sentirem excitação sexual durante a amamentação.” (Aguiar, 2013)

Diante desse contexto, é possível recortar um diálogo do filme que traduz fielmente sobre essa questão da amamentação e sexualidade, quando Barbara começa a frequentar o “Clube do Leite”:

Barbara: “Eu percebi que amamentar dá uma satisfação tão grande, um prazer de doação tão intenso e tão simbiótico, que é quase uma realização sensorial, emocional e...”

Mulheres do Clube do Leite: “Orgásmica?”

Barbara: “Isso.” E sorri.

Mulheres do Clube do leite: Todas batem palmas e sorriem entre si.

Neste diálogo, percebe-se a satisfação na fala de Barbara ao falar sobre a amamentação, já que o Clube do Leite é um lugar que reúne mulheres militantes da causa e acaba sendo um lugar seguro, em que ela se sente à vontade para falar, sem se sentir constrangida e/ou julgada, não é de hoje o conflito entre sexualidade e maternidade em

relação à dupla função que as mamas têm em nossa sociedade: a função erótica, estética e a função materna, nutritiva.

Na sociedade moderna, os seios têm tido mais valor erótico e apelativo e são percebidos primeiro e antes de tudo, como um órgão sexual, atuando como fator estético e também como forma de seduzir seu parceiro sexual. Na contemporaneidade, os ditames da moda exibem uma sexualidade de ordem mais apelativa, não como forma da mulher obter prazer em benefício próprio, mas como objeto de conquista.

No entanto, os seios na amamentação também experimentam sensações corporais de ordem sexual. Utilizando-se das palavras do psicanalista francês Bernard This, "Aqueles mulheres que amamentaram seus filhos com prazer sabem que uma mulher pode chegar ao orgasmo quando a criança mama. Mas, silêncio, os homens não querem saber! O prazer deve aparecer apenas nos braços do amante?" (Sandre-Pereira, 2003).

A partir desse contexto, é possível concluir que a prática da amamentação tem implicações com a sexualidade, embora isso não seja de hoje. Desde o século XVI, o humanista e filósofo espanhol Juan Luis Vives, na sua obra *De institutione feminae christianae* (1523), advertia que: "As delícias são o que mais debilita o corpo; por isso, as mães perdem os filhos quando os amamentam voluptuosamente", em uma comparação ao prazer sentido pela mãe e filho durante a amamentação - um prazer proibido que a mãe se beneficiaria e que segundo a autora Gilza Sandre-Pereira (2003), causaria a perda moral da criança.

Posteriormente, na França, século XVIII, momento histórico em que estava ocorrendo a mortalidade infantil e a prática comum de mandar bebês que seriam amamentados pelas amas-de-leite, um médico francês chamado Jean-Claude Des-Essartz buscava incentivar as mães a amamentarem os seus filhos através do discurso de uma outra mãe: "É difícil - diz ela - de explicar o que se passou comigo, eu senti uma comoção

que eu só posso comparar àquela que é produzida por uma centelha elétrica; tão intensa que ela, ela me ergueu e me fez me aproximar mais do meu filho, ela logo se espalhou por todo o meu corpo produzindo um calor delicioso, ao qual sucedeu a calma de uma volúpia inexprimível, quando meu filho abocanhou meu mamilo e fez sair o licor que a natureza e o meu carinho lhe destinavam." (Sandre-Pereira, 2003). "Uma descrição de prazer semelhante a de um orgasmo", descreve a autora.

No século XX, os manuais de puericultura, que se dedicavam aos estudos dos cuidados com o ser humano em desenvolvimento, mais especificamente o desenvolvimento infantil, não retratavam mais o prazer associado à amamentação. Ao que tudo indica, Freud (1997, p. 60), com o advento da psicanálise, fazia essa referência a esse prazer. Para ele, a amamentação é uma relação sexualizada, prazerosa para a mãe e para a constituição do psiquismo do bebê: "Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida.", ressaltou ele. (Sandre-Pereira, 2003).

Ainda segundo Freud (1997, p. 100), o simples ato de oferecer o peito para o bebê é entendido como um ato de significação sensual para essa mãe, já que o peito é considerado uma zona erógena. Nesse entendimento, Freud resalta que: "quando a mãe olha para a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como um substitutivo de um objeto sexual plenamente legítimo." (Freud, 1997, p. 100)

De início, tais declarações tendem a ser impactantes, principalmente se considerarmos o contexto histórico da época, e serem mesmo consideradas profanas, visto

que uma vez que se apresentam contrárias ao dito amor maternal assexuado, 'puro'. (Sandre-Pereira, 2003).

Tais afirmativas podem ser representadas na fala de Barbara ao dar o seio a sua filha Lea: “Com ela eu vivia momentos de graça, de fusão, momentos de amor absoluto.”

No entanto, e nesse sentido, para Miller (2014), é importante que o objeto criança não seja tudo para o sujeito materno, ou seja, que o desejo desse sujeito deve se voltar para um homem e ao mesmo tempo ser seduzido por ele. Assim acrescenta, que a função da criança nesse processo de entrada da mulher na maternidade, acaba por dividir no sujeito feminino, a mãe e a mulher. . (Miller, 2014).

Diante disso, é possível vislumbrar esse processo de divisão mãe e mulher, na cena em que Barbara e o marido Nicholas, saem juntos com a filha Lea para uma viagem de “férias” e possível retomada da relação do casal. Durante o momento em que estão a sós, os dois estão fazendo sexo e a criança começa a chorar... Barbara então, entra em um processo de divisão e conflito psíquico com a situação descrita, ao mesmo tempo em que quer ficar com Nicholas e atender à criança que chora:

- Nicholas: “Fica, fica...”

- Barbara: “Não posso.”

- Nicholas: “Pode”.

- Barbara: “Não.”

- Nicholas: “Pode sim”. “Fica aqui”.

A cena termina com Barbara tentando sair dos braços de Nicholas para atender ao choro de Lea, ao mesmo tempo em que ele a segura pelos braços e não a deixa sair, esta então acaba cedendo aos caprichos sexuais de ambos e termina em seus braços.

Considerações finais

A partir da análise de conteúdo do filme “Um evento feliz”, pretendeu-se explorar a sexualidade feminina de mães recentes e suas repercussões psíquicas, assim como aspectos da feminilidade. Também buscamos investigar se o lugar que o bebê é posto permitiria espaço para a divisão do sujeito feminino entre mãe e mulher, acrescentando assim, a relação entre a amamentação e sexualidade nessa divisão.

Freud (1929), em sua teoria sobre a feminilidade, buscou compreender a mulher e a questão do desejo feminino. Segundo ele, a mulher, devido ao contexto histórico da época, seria menos apta à sublimação em relação ao homem, e só se sentiria completa na maternidade e, sobretudo, se tivesse um filho do sexo masculino. Outros autores avançam na teoria freudiana, tal como Jacques Lacan. Este afirma que um bebê não é capaz de suprir o desejo da mulher enquanto mulher, mas pode exercer a função de objeto de desejo enquanto mãe.

A despeito da divisão mãe e mulher, o filme elucida questões relevantes sobre o lugar da criança e o desejo da mulher para além do bebê. Segundo Miller (2014), há uma condição de não-tudo, ou seja, o objeto criança não deve ser tudo para o sujeito materno, o desejo da mãe deve se dirigir para um homem ou algum agente externo que funcione como um terceiro na relação entre mãe e bebê. O que é possível evidenciar em algumas das cenas descritas em relação a angústia sentida por Barbara, devido às inúmeras demandas com Lea, a falta de apoio afetivo de seu marido Nicholas e tempo para ser, antes de tudo, mulher.

Ainda nesse contexto de divisão mãe e mulher, o ato de amamentar, além de ser alimento e essencial ao desenvolvimento do bebê, também é fonte de prazer. Nesse sentido, o filme retrata fielmente as sensações de ordem sexual sentidas pela protagonista Barbara quando amamenta sua filha Lea. No entanto, conclui-se que é fundamental que além desse prazer mútuo sentido, que um terceiro – neste caso, o pai da criança – entre nessa relação simbiótica e faça um corte, também erogenize o corpo dessa mulher, para que ela possa ter prazer para além dessa criança, e assim, possa haver essa divisão mãe e mulher. Sendo assim, ressalta Miller (2014): “Ou a criança preenche, ou a criança divide”. E é essencial que ela divida para a constituição psíquica da díade mãe/bebê.

Referências

- Abuchaim, É. S. V., & Silva, I. A. (2010). Dividindo-se entre ser mãe e mulher: a interface da sexualidade na maternidade. *Anais IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos (SIPEQ). Universidade Estadual Paulista Campus Rio Claro. São Paulo.*
- Aguiar, A. M. (02 de Maio de 2013). *Sexualidade e amamentação*. Recuperado: 23 de Março 2020, Aleitamento: <http://www.aleitamento.com/Amamentacao/conteudo.asp?cod=1787>
- Araújo, N. M., Salim, N. R., Gualda, D. M. R., & Silva, L. C. F. P. D. (2012). Corpo e sexualidade na gravidez. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 46(3).
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*, São Paulo: Edições 70.
- Camacho, K. G., da Costa Vargens, O. M., Progiante, J. M., & Spíndola, T. (2010). Vivenciando repercussões e transformações de uma gestação: perspectivas de gestantes. *Ciencia y enfermeria*, 16(2).

- Castilho, P. T. (2007). Uma discussão sobre a angústia em Jacques Lacan: um contraponto com Freud. *Revista do departamento de psicologia. UFF, 19(2)*.
- Garcia-Roza, L. A. (1984). *Freud e o inconsciente*, Rio de Janeiro: Zahar.
- Klein, M. M. D. S., & Guedes, C. R. (2008). Intervenção psicológica a gestantes: contribuições do grupo de suporte para a promoção da saúde. *Psicologia: ciência e profissão, 28(4)*.
- Maldonado, M. T. (2013). *Psicologia da gravidez*. Rio de Janeiro: Jaguatirica Digital.
- Miller, J. A. (2014). A criança entre a mulher e a mãe. *Opção Lacaniana online nova série Ano 5 • Número 15*
- Sampaio, M. A., Falbo, A. R., Camarotti, M. D. C., Vasconcelos, M. G. L. D., Echeverria, A., Lima, G., ... & Prado, J. V. Z. D. (2010). Psicodinâmica interativa mãe-criança e desmame. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 26(4)*, 707-715
- Sandre-Pereira, G. (2003). Amamentação e sexualidade. *Revista Estudos Feministas, 11(2)*.
- Sarmiento, R., & Setúbal, M. S. V. (2012). Abordagem psicológica em obstétrica: aspectos emocionais da gravidez, parto e puerpério. *Revista de Ciências Médicas, 12(3)*.
- Zafiropoulos, M., dos Mares Guia, E. R., & Ceccarelli, P. R. (2009). A teoria freudiana da feminilidade: de Freud a Lacan. *Reverso, 31(58)*.

